

O tsunami, a solidariedade e a construção social do conhecimento em enfermagem

Emiko Yoshikawa Egry¹

No dia onze de março deste ano, o mundo assistiu, atônito, a eventos naturais dos mais devastadores de que se tem notícia: o terremoto em escala altíssima, seguido por um tsunami devastador, que arrasou cidades inteiras do noroeste do Japão. O que se seguiu foi motivo de muita apreensão, pois as usinas atômicas da região haviam sido danificadas também, trazendo mais sofrimento ao povo que havia perdido muitos dos seus entes e quase todos os seus pertences.

O que mais chamou atenção da comunidade internacional, além da imensidão da catástrofe e da pequenez do ser humano diante da força da natureza, foi a solidariedade que os sobreviventes demonstraram em relação aos outros.

Monja Coen, que foi educada no ofício no Japão, escreveu acerca disto com propriedade, e a mensagem foi lida num dos eventos promovidos em São Paulo, Capital, pelos nikes brasileiros, com a finalidade de apoiar as vítimas. Nessa mensagem ela dizia, entre outras coisas, que *Quando temos humildade e respeito, pensamos nos outros, nos seus sentimentos e necessidades. Quando cuidamos da vida como um todo, somos cuidadas e respeitadas. O inverso não é verdadeiro: se pensar primeiro em mim e só cuidar de mim, perderei. Cada um de nós, cada uma de nós é o todo manifesto.*

A solidariedade, o respeito, a socialidade, a fraternidade, a compaixão e a paciência que sobrepujaram o sofrimento, a tristeza, a incerteza e a privação, me tocaram profundamente, e me fizeram pensar como estes atributos propriamente humanos poderiam também ser valorizados e mantidos em outras situações da vida, por exemplo, ao enfrentarmos, nós os pesquisadores da Enfermagem as vicissitudes de um mundo altamente competitivo e desigual que é o da produção científica. Hoje, com o ranqueamento dos periódicos, os resultados são muito exigidos, não importando os processos; vale mais a quantidade do que a densidade e a profundidade que fazem a qualidade das publicações; valorizam mais a liderança que desponta aos surtos do que os que trabalham contínua e incessantemente com seus pares. O que tem menor valor é seguir caminhos nem sempre fáceis e rápidos, mas que buscam de verdade compreender a natureza e a razão de se fazer a produção do conhecimento em Enfermagem, erroneamente restrito à pesquisa em enfermagem.

Não tenho dúvida alguma sobre estes dois aspectos: a natureza e a razão. A primeira, é a busca incessante para compreender, e ao mesmo tempo possibilitar aprimorar o recorte do objeto à luz de teorias, desenvolver nossos instrumentos dos processos de trabalho, quer assistencial, gerencial ou educacional, e sua finalidade precípua de buscar respostas aos problemas que são reais, que podem melhorar a qualidade de vida e saúde da população dos territórios, tão desigualmente distribuídos em termos de condições objetivas de reprodução e produção social. Podemos (e devemos), também, olhar de perto e equacionar as profundas desigualdades entre os trabalhadores de enfermagem e entre as categorias profissionais. A segunda – a razão – tem a ver com as necessidades intrínsecas de aperfeiçoamento e aprofundamento teórico, que nas ciências da enfermagem – sim, no plural, pois há várias maneiras de se fazer ciência, com diferenças epistemológicas e paradigmáticas importantes e não miscíveis – a par de outras maneiras de se buscar o conhecimento e, nesse caso, talvez na Enfermagem, as ciências operem em consonâncias com a arte, matéria pouco aproximada pelos pesquisadores e pelos filósofos da enfermagem brasileira.

No Brasil, como em muitas partes do mundo, a enfermagem é feminina e, por conta disto, carrega uma episteme singular, além de ter práticas singulares nos processos de trabalho e nas dimensões ético-políticas, que fazem com que o ser humano mobilize as demais dimensões das competências profissionais: o saber-saber e o saber-fazer.

Produzir o conhecimento, portanto, é um ato político, tanto quanto foi o dos sobreviventes do tsunami: enseja a explicitação dos desejos e das vontades, canalizados para a construção da cidadania solidária e digna. Não há cidadania e dignidade na produção de conhecimento, diria em qualquer área, mas me fixo na Enfermagem, sem o correspondente valor de solidariedade, autonomia, emancipação e liberdade: não do ser individual, mas do ser que coletiva e socialmente produz a vida, o trabalho, a saúde e a pesquisa, dentre tantas que vive a humanidade.

¹ Professora Titular do Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Diretora do Centro de Pesquisa em Enfermagem da Associação Brasileira de Enfermagem – CEPEN/ABEn, Gestão 2010-2013. Editora Científica da REEUSP. São Paulo, SP, Brasil. emiyegry@usp.br